

O EDUCATIVO NO CONCEITO DE LIBERDADE DE JAIR BOLSONARO NA CAMPANHA ELEITORAL DE 2022

ARIEL BOLZANI FRANCO DE SÁ¹ BRUNO ANTONIO PICOLI²

1 Introdução

O bolsonarismo se mostrou um fenômeno de massas que se ancorou e foi construído a partir do esforço de diferentes setores da sociedade, e através da difusão de diversas narrativas promovidas por Jair Bolsonaro e seus aliados. Diante disso, surge o problema da pesquisa: qual é o caráter do educativo no conceito de liberdade de Jair Bolsonaro e do bolsonarismo na campanha eleitoral de 2022. A reflexão parte da busca do pelo entendimento do educativo, que por sua vez, traduz uma expressão que parte de uma intencionalidade educativa, neste caso, promovida pela extrema direita brasileira.

2 Objetivos

A pesquisa tem como objetivo compreender e investigar o educativo no conceito de “liberdade” utilizado por Jair Bolsonaro e por sua narrativa através do bolsonarismo durante a campanha eleitoral brasileira de 2022. A busca pelo entendimento do educativo, que é explicada por Sebastián Plá através da ideia, primeiramente, de que a educação é a influência intencional na subjetividade de outrem. A partir disso, se desenvolve o conceito do educativo na pesquisa, que se refere à dimensão em que o saber é transmitido, e dentro dela uma intenção de transmitir um valor, que é histórico, político, social, cultural.

3 Metodologia

Os métodos utilizados nesta pesquisa baseiam-se em uma análise bibliográfica das obras de autores ligados à temática da Educação, a partir do conceito do educativo de Sebastián Plá, também como autores de áreas afins à História Política incluindo João Cezar de Castro

1 Graduando em História, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus Chapecó*, contato: arielbfds@gmail.com

2 Doutor em Educação, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), **Orientador(a)**.

Rocha, que analisa o bolsonarismo como um fenômeno envolvendo guerras culturais promovidas pela extrema direita através de diferentes narrativas. A pesquisa também se direciona a partir do artigo de Fernanda Rios Petrarca, que analisa a trajetória de Jair Bolsonaro e a construção do bolsonarismo como movimento político-social desde as manifestações de 2013.

4 Resultados e Discussão

De acordo com a socióloga Fernanda Rios Petrarca (2021), a partir da redemocratização, o sistema político brasileiro se estruturou em um multipartidarismo, passando pela criação e manutenção de diversas legendas devido a sua legislação eleitoral que favorecia a proliferação dos partidos políticos. O Brasil possui mais de 30 partidos registrados no TSE (Tribunal Superior Eleitoral), sendo a grande maioria com representação no Congresso Nacional, constituindo um dos países que têm maior capacidade de disputar eleições com diversos partidos de grande influência na política nacional (Petrarca, 2021).

Segundo Petrarca (2021), as alianças entre os partidos pelo pluralismo fragmentado se centram no “pragmatismo” e no “imediatismo”, que visam garantir a ocupação dos espaços pelos políticos. As alianças buscam tanto o sucesso nas disputas eleitorais para o legislativo e executivo, quanto a garantia da governabilidade após a eleição das legendas. As diferentes bases de sustentação política demandaram uma ampliação das alianças com diversas lideranças regionais, impedindo uma maior centralização e institucionalização partidária mais consolidada. A coalizão e as negociações entraram como recursos fundamentais para a estabilidade institucional e governabilidade, se fazendo essencial a nível de sobrevivência do executivo por meio de coligações e acordos dentro do cenário do pluralismo fragmentado, garantindo a governabilidade. Este sistema foi definido pela Ciência Política brasileira como “presidencialismo de coalizão” (Petrarca, 2021).

Segundo o historiador João Cezar de Castro Rocha (2021), em junho de 2013 as ruas foram tomadas por milhões de manifestantes com um caráter enigmático, porém foi um movimento decisivo para entender o Brasil pós-político contemporâneo. O que se iniciou como uma manifestação preocupada com questões sociais, logo se pulverizou em protestos, reivindicações e ódios das mais diversas formas que teve como resultado um sentimento antissistêmico em parte da população. Entre as vozes que começaram com protestos ao aumento

de tarifas dos ônibus, havia questionamentos com os gastos da Copa do Mundo de 2014, denúncias à corrupção, à precariedade dos serviços públicos, manifestações contrárias ao “casamento gay”, insatisfações com a educação pública, etc (Castro Rocha, 2021).

Segundo Rocha (2021), “As Manifestações de Junho materializaram um difuso sentimento antissistêmico que se manifestou na decidida recusa da figura do político tradicional. Aliás, fenômeno transnacional e que foi instrumentalizado pelo populismo digital de direita.” (Castro Rocha, 2021, p. 312). No entanto, acompanhar a política passou a fazer parte do dia a dia do brasileiro como nunca havia, mesmo com o desprezo pelos políticos. A partir de 2013, a ação passou a ser “ir pra rua”, o que foi engrandecendo os protestos até 2016, levando gradualmente a direita a assumir um maior protagonismo no cenário da política nacional. (Castro Rocha, 2021).

De acordo com Fernanda Petrarca (2021), outro fator importante para o enfraquecimento do sistema político foi o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, que rompeu os pactos entre os blocos de poder divergentes. Esse movimento contribuiu para um sentimento antipetista e antissistema, também como o escândalo do Petrolão e a prisão do ex-presidente petista Luiz Inácio Lula da Silva. O PT, manchado por denúncias de escândalos de corrupção, era o partido que promovia essas alianças através do executivo no período da história recente do país, e sua queda promoveu lideranças marginalizadas do sistema. Esses fatores abriram uma condição rara para emergir e ganhar espaço a figura de Jair Messias Bolsonaro (Petrarca, 2021).

Segundo Fernanda Petrarca (2021), Jair Bolsonaro entrou na política após atos de rebeldia contra o exército, do qual ele era integrante e viria a ser afastado devido à uma reclamação a respeito dos salários dos militares, o que levou-o a ganhar alguma representatividade entre cabos e soldados. Bolsonaro também planejou explodir bombas em instalações militares no mesmo intuito de reivindicações por salários e melhores condições para os militares dentro do governo de José Sarney, que não havia cedido um aumento satisfatório e gerou a crise e as manifestações dos capitães do exército, como o caso de Jair Bolsonaro (Petrarca, 2021).

De acordo com Fernanda Petrarca (2021), Bolsonaro teve amplo apoio da burguesia e de alguns outros personagens: “a burguesia financeira, frações da alta burguesia comercial e industrial, setores importantes do agronegócio, alta cúpula das forças armadas e três importantes

agrupamentos sociais: o lavajatismo, o olavismo e a bancada evangélica.” (Petrarca, 2021, p. 354). Estes atores por muitos momentos transitaram entre si para fortalecer suas alianças e sua rede.

As forças armadas foram um setor fundamental para a eleição de Bolsonaro, sendo o governo cedendo diversos cargos de liderança para o Exército Brasileiro. Desde a aliança na chapa com seu vice General Hamilton Mourão, num intuito de retomar um protagonismo perdido após a ditadura militar. Bolsonaro já contava com uma forte base eleitoral militar no baixo exército e passou a ter 8 militares dentre seus 22 ministros após a eleição, incluindo também 2500 militares em postos de chefia e assessoria (Petrarca, 2021).

5 Conclusão

Segundo Fernanda Petrarca (2021), o grupo do Olavismo foi central para a campanha de Bolsonaro, onde se estabelece pelos seguidores do “guru” da extrema-direita brasileira: Olavo de Carvalho. O ideólogo, autoproclamado filósofo e astrólogo radical promoveu narrativas conspiratórias e incentivou uma guerra cultural no Brasil, agregando com seu discurso nas redes sociais uma grande parcela do conservadorismo brasileiro. Os grupos das redes sociais identificados com suas pautas foram o Brasil Paralelo, também como diversos youtubers e comunicadores grandes (Petrarca, 2021).

Castro Rocha (2021), em sua obra, discute o conceito da chamada guerra cultural, utilizado avidamente como tática e “grito de guerra” pelo bolsonarismo na campanha de Jair Bolsonaro. O conceito se traduz por um entendimento fundamentalista do mundo, que tem como busca a eliminação das diversidades na sociedade, enxergando o que é diverso como inimigo, que deve ser destruído. A retórica da guerra cultural bolsonarista é exemplificada e estimulada pelas falas do próprio Jair Bolsonaro, como na véspera das eleições de 2018: “Vamos varrer do mapa os bandidos vermelhos” e “Vamos fuzilar a petralhada toda aqui do Acre”. Esse discurso se volta repetidas vezes para termos como varrer, apagar, eliminar as figuras que são eleitas como inimigas, em um cenário de intolerância.

Diante disso, a extrema direita brasileira, autoritária e excludente, através do bolsonarismo e de Jair Bolsonaro, utiliza do discurso de liberdade como algo atrativo e em benefício da população. Entretanto, os liberais alimentam uma narrativa de conflito do que é para eles a liberdade e a democracia, estabelecendo uma divisão entre os conceitos e associando

o assunto do Estado à repressão, enquanto a liberdade trata das leis do mercado. Jair Bolsonaro surge como um líder representante da defesa da liberdade individual, porém o educativo no conceito de liberdade de Bolsonaro revela a incompatibilidade entre democracia e liberdade. Enquanto são consideradas características de uma democracia um sistema onde os direitos da população são assegurados, a liberdade de Bolsonaro é a liberdade do tirano, que pode dizer ou fazer o que quiser.

Referências Bibliográficas

PLÁ, Sebastián. **Investigar la educación desde la Educación**. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación; Madrid: Ediciones Morata, 2021.

RIOS PETRARCA, Fernanda. Uma janela no tempo: a ascensão do Bolsonarismo no Brasil. **Revista TOMO**, [S. l.], n. 38, p. 339–371, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. 1. ed. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

Palavras-chave: Bolsonaro; bolsonarismo; partidos; sistema; militares.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2025-0162

Financiamento

